

HIPERPLANO PRODUÇÕES E VIVA O CINEMA INDEPENDENTE  
APRESENTAM

UM FILME DE  
FLÁVIO CARNIELLI

# VICENTE NA CIDADE FANTASMA



HIPERPLANO PRODUÇÕES E VIVA O CINEMA INDEPENDENTE  
APRESENTAM

UM FILME DE  
FLÁVIO CARNIELLI

# VICENTE NA CIDADE FANTASMA

## DISTRIBUIÇÃO

Flávio Carnielli

[flaviocarnielli@gmail.com](mailto:flaviocarnielli@gmail.com)

19 982225043

Brasil, 2026, 110' cor e pb 4k

2:39.1 - 5.1/stereo

Classificação - 10 anos

## SINOPSE

No dia de finados, o pequeno Vicente é esquecido por seus pais atrapalhados em uma estrada deserta e, sem querer, descobre uma cidade toda em preto e branco, onde os mortinhos voltam uma vez por ano para se reencontrar. Com eles, o menino aprende sobre a vida, a morte e o valor da verdadeira amizade. Inspirado pelos antigos filmes da Vera Cruz e pelo cinema de terror dos anos 1950.



VIVA O CINEMA  
INDEPENDENTE  
filmes & arte

## SOBRE

Com uma história sobre amizade, morte e os pequenos absurdos da vida, **Vicente na Cidade Fantasma** é um filme de terror e fantasia para jovens e adultos, com classificação indicativa de 10 anos. O longa mistura suspense, emoção e humor em uma aventura sobrenatural que prefere o encantamento pelo estranho aos sustos baratos.

O filme passeia por referências tão diferentes quanto *Coco* (2017), *Psicose* (1960) e *Plan 9 from Outer Space* (1957), misturando fantasia infantil, humor involuntário e horror clássico dentro de uma narrativa extremamente brasileira.

Metade do filme acontece em preto e branco, evocando o imaginário do antigo cinema da Vera Cruz e de filmes como *Tico-Tico no Fubá* (1952) e *A Família Lero-Lero* (1953). Já a parte colorida remete aos produtos infantojuvenis da TV Cultura, como *O Mundo da Lua* (1991), além do universo dos filmes da Turma da Mônica, criando uma atmosfera fantástica, inocente e profundamente brasileira.



## SOBRE O DIRETOR

Flávio Carnielli é cineasta e mestre em História Cultural, mas sobretudo é um realizador caipira com muito orgulho. Seu cinema preza por manter viva a cultura do interior do Estado de São Paulo. Desde 2009, escreveu e dirigiu vinte filmes entre documentários e ficção, curtas e longas.

Flávio acredita na liberdade artística em um país onde ela nem sempre é bem-vinda. Por isso se aventura tanto em trabalhos infantojuvenis como o longa *Tão Bonito Quanto o Amor* (2025), disponível no canal Looke, quanto em filmes malucos como o longa *Fórmula Selvagem* (2021), que estreou no festival BAFICI em Buenos Aires.

Nos curtas, já explorou diversos subgêneros do terror como o gore *Boneca* (2019), finalista do BUT Film Festival, a série de terror *Sugar Dead* (2021 e 2025) e *Antônia* (2020), considerada uma pequena obra de arte do terror nacional, exibida no Kinoforum e no Itaú Cultural e vencedora de mais de vinte prêmios técnicos em festivais nacionais e internacionais.

Flávio também é produtor e editor dos curtas *A Lenda dos Cavaleiros da Água* (2024) e *O Monstro do Sertão* (2026), da diretora Helen Quintans.



## ENTREVISTA DE HAMILTON ROSA JR, DIRETOR E EX CRÍTICO DE CINEMA DA REVISTA SET E FOLHA DE SÃO PAULO

HRJ. Vicente na Cidade Fantasma parece um “filme de terror infantil”, quase uma fábula macabra. Em que momento você percebeu que queria equilibrar horror, humor e sensibilidade infantil dentro da mesma narrativa?

FC: Esse projeto nasceu no prêmio de trajetória do ProAC, em 2022. Eu pensei que seria um desafio muito legal misturar terror com uma linguagem que fosse adequada às crianças e também aos pais e avós. O desafio era esse: fazer um filme que interessasse a todos e, de verdade, eu acho que o terror e o infantil dialogam demais. Ao contrário do que as pessoas pensam, quem faz terror tem um humor e uma ingenuidade que conversam diretamente com o universo infantil.

HRJ. Seu cinema sempre flertou com o grotesco, o desconfortável e o exagero. O que mais te interessa nessas figuras estranhas e deslocadas que aparecem nos seus filmes?

FC: Eu acho que essa também é uma percepção advinda de uma maneira ingênua de ver o mundo da minha parte. Eu gosto daquilo que incomoda, que causa algo nas pessoas, e pode ser medo, nojo, riso ou emoção. A vida é muito curta pra gente viver só a quarta-feira.

HRJ. Há muitas referências cinematográficas possíveis na sua obra, mas Vicente na Cidade Fantasma parece extremamente pessoal e brasileiro. Como você transforma influências tão diversas em algo com identidade própria?

FC: Eu tenho um objetivo, que é fazer o nosso cinema do interior se destacar. Toda obra tem que ter um legado e o meu é esse: mostrar que a cultura do nosso interior também importa. Penso que meus filmes têm uma verdade, pois remetem a ambientes e aspectos culturais que fazem, de fato, parte da minha vida e da vida da maioria dos atores e da equipe que compõe meus trabalhos. Nesse sentido, é normal que eu devore as referências e transforme em algo que faz parte do meu conjunto de valores.

HRJ. O filme foi realizado inteiramente com artistas e técnicos da região. O que significa para você estrear um longa assim no Centro de Convivência, diante da comunidade que ajudou a construir o filme?

FC: Isso foi a realização de um sonho de criança. Eu sempre me imaginei nesses espaços, mas não sou do teatro, então sempre me pareceu praticamente impossível. No final, acabei trabalhando com muitos atores que admirava quando mais novo e realizei a primeira exibição de um filme após a reinauguração desse espaço tão simbólico da cultura da minha cidade natal. Eu sinto que coloquei meu nome na história cultural de Campinas, mas sinto também que homenageei aqueles que vieram antes de mim e que participaram do filme. Além disso, pude ver na plateia meus pais, meus amigos e meus sobrinhos, e eles são os que mais sofrem as dores de ter um parente que faz filmes. Então, não poderia estar mais feliz.

HRJ. O bosque, o cemitério e os espaços noturnos parecem funcionar como extensões mentais do protagonista. Como você trabalhou a direção de arte e a escolha das locações para transformar esses ambientes em elementos dramáticos da narrativa?

FC: Essa pergunta é incrível, pois esses ambientes foram pensados não somente como extensões mentais do protagonista, mas de todos nós. Curioso é que a cenografia não é exatamente hiper-realista, mas a gente não escuta questionamentos a esse respeito, pois esses ambientes são construções culturais muito presentes na história do cinema e no imaginário coletivo. É engraçado porque é, de fato, uma construção estrangeira, então a gente coloca bananeira pra dar uma cara ainda mais familiar.

HRJ. O que foi mais difícil de dirigir: os zumbis, os pais do Vicente ou o GPS enlouquecido?

FC: Ah, com certeza tudo o que está atrás da câmera. Esse é meu GPS enlouquecido. Eu escrevi os personagens já com todos esses atores em mente. A gente tem atores tão maravilhosos na nossa região. Eu sabia que eles tirariam de letra. Agora, difícil mesmo é dirigir aquilo que ninguém vê, o que está rolando nos bastidores. Cinema independente é assim: não adianta emular cinema industrial, então o diretor tem que dirigir tudo mesmo e, pra mim, isso é o mais difícil.

HRJ. Se Vicente na Cidade Fantasma tivesse sido lançado nos anos 80 em uma locadora obscura, em qual prateleira ele estaria: terror, infantil, comédia ou “filmes impossíveis de categorizar”?

FC: Eu deixaria a cargo do funcionário da locadora. Primeiro porque eles conhecem muito de cinema. Eu trabalhei na finada 100% Vídeo e te digo que o pessoal sabia demais. E segundo porque é legal deixar o público e a crítica definirem o seu trabalho, é sempre uma surpresa. Mas, se eu fosse o funcionário, certamente colocaria na parte de recomendações.

HRJ. Você já imaginou como seria um parque temático baseado no universo dos seus filmes? Você acha que este parque seria um sucesso ou seria interdito?

FC: Eu acho que seria um sucesso entre as pessoas de espírito livre e bom humor. De verdade. Eu volto a dizer: existe uma conexão muito próxima entre terror e infantil. O medo e a risada nascem do mesmo desespero que temos em ver alguém vivendo uma situação e nos imaginarmos no lugar dessa pessoa. Então certamente seria divertido, peculiar e às vezes nojento.



## ELENCO

Biel Marconato como **Vicente**

Rafaela Amendola como **Suzana**

Nando Almeida como **Rafael**

Luciane Aranha como **Carla**

Pedro Pauleey como **Sargento Euclides**

Marcos Zuin como **Vigário**

Wagner Kampynas como **Nona Assunta**

Raquel Ferrari como **Lady Francesca**

Amarildo Cavalli como **Bentão**

Hélcio Henriques como **Mélvis Nelvis**

Clóvys Torres como **Diretor Vargas**

Violeta Nagai como **Suzana (adulta)**

Porquinho Jerfiso como **Vicente (Porco)**

Vinicius de Oliveira como **Guardião de Almas**



## EQUIPE

**Roteiro e direção:** Flávio Carnielli

**Assistente de direção:** Nando Almeida

**Direção de fotografia:** Helen Quintans e Gabriel Justo (Bejota)

**Direção de arte:** Helen Quintans

**Cenografia:** O Hiperurânio

**Edição de som:** Walter Barthmann

**Montagem:** Gabriel Justo (Bejota)

**Efeitos visuais e finalização:** Gabriel Justo (Bejota)

**Diretor de som:** Guga Lourenço

**Trilha sonora original:** Guilherme Vian

**Músicas:** Morcegula e Wander Wildner

**Maquiagem FX:** Jaqueline Ramirez



**Produção:** Flávio Carnielli e Nando Almeida

**Produção executiva:** Mauro Pereira, Reginaldo Menegazzo, Walter Carnielli e Luiz Nery

**Consultoria técnica:** Iberê Pereira

**Assistentes de produção:** Vinicius de Oliveira, Isabela Pittorri, Guilherme Cornélio e Cauê Gustavo

**Apoio técnico:** Nino Fonseca e Adecir Mendes

**Apoio cultural:** Duplic Video, Colormake, Vila Zanetti, McDonalds Paulínia, Unicamp e Sanasa Campinas e Exército Brasileiro



## MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

**Imagens**

[Cartazes](#)

[Still/Frames](#)

**Video**

[Teaser link](#)

[Teaser download](#)

**Redes**

[Página Oficial](#)

[Instagram do Diretor](#)

[Letterbox](#)

